

M 683  
DN 18.11.59  
RV 308  
DN 12.3.67

## História de Rêde

1232  
RUBEM BRAGA

UMA vez eu viajava de caminhão de Fortaleza para Teresina. Tendo passado de tardinha em Sobral, chegamos à noite a Tianguá, nos altos da serra de Ibiapina, e resolvemos pernoitar ali. Indaguei onde poderia dormir, e me indicaram a única pensão que naquele tempo havia na cidadezinha. Fui lá, perguntei à dona se tinha um quarto para mim. Tinha sim, e foi me mostrar. O quarto era modesto, mas limpo, com alguns móveis; mas não havia cama. Como eu tinha de sair para tomar umas providências, disse à mulher:

— Está bom. A senhora pode mandar botar a cama. Ela me olhou espantada:

— Cama? Cama aqui não tem não, meu senhor. O senhor não trouxe sua rêde?

Respondi que não, e lhe pedi que me arranjasse uma. Ela foi a outro aposento providenciar, e eu a ouvi perguntar a outra mulher se não tinha uma rêde limpa para emprestar. Depois ouvi seu comentário escandalizado a meu respeito:

— Um homem até bem apresentado, de gravata, viajando sem uma rêde!

Eu ia viajar pelo sertão até São Luís do Maranhão, e de lá embarcaria para Belém, acompanhando os pobres «soldados da borracha». Tratei de comprar uma boa rêde e nela dormi por tôda parte, até na sala de uma repartição estadual em Manaus, pois não havia quartos vagos na cidade, e ali também havia ganchos para rêde...

Lembrei-me dessa história ao ler essa pequena e admirável monografia Rêde de Dormir, que Luís da Câmara Cascudo escreveu e o Serviço de Documentação do Ministério da Educação editou há tempos. Ali aprendi que a rêde é uma invenção da América Tropical, pois não existia antes de 1500 na África nem em nenhum outro continente. Como fez a propósito da jangada. Cascudo cerca e ataca o assunto por todos os lados. É um livro gostoso de se ler — principalmente em uma boa rêde, entre duas madornas...

DN - 12.3.67